

"Obras de Francisco de Saa de Miranda, dirigidas ao principe nosso señoꝛ, que lhas mandou pedir. 1564."

. "Obras de Francisco de Saa de Miranda, dirigidas ao principe nosso señor, que lhas mandou pedir. 1564.". 1564.

1/ Les contenus accessibles sur le site Gallica sont pour la plupart des reproductions numériques d'oeuvres tombées dans le domaine public provenant des collections de la BnF. Leur réutilisation s'inscrit dans le cadre de la loi n°78-753 du 17 juillet 1978 :

- La réutilisation non commerciale de ces contenus ou dans le cadre d'une publication académique ou scientifique est libre et gratuite dans le respect de la législation en vigueur et notamment du maintien de la mention de source des contenus telle que précisée ci-après : « Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France » ou « Source gallica.bnf.fr / BnF ».

- La réutilisation commerciale de ces contenus est payante et fait l'objet d'une licence. Est entendue par réutilisation commerciale la revente de contenus sous forme de produits élaborés ou de fourniture de service ou toute autre réutilisation des contenus générant directement des revenus : publication vendue (à l'exception des ouvrages académiques ou scientifiques), une exposition, une production audiovisuelle, un service ou un produit payant, un support à vocation promotionnelle etc.

[CLIQUER ICI POUR ACCÉDER AUX TARIFS ET À LA LICENCE](#)

2/ Les contenus de Gallica sont la propriété de la BnF au sens de l'article L.2112-1 du code général de la propriété des personnes publiques.

3/ Quelques contenus sont soumis à un régime de réutilisation particulier. Il s'agit :

- des reproductions de documents protégés par un droit d'auteur appartenant à un tiers. Ces documents ne peuvent être réutilisés, sauf dans le cadre de la copie privée, sans l'autorisation préalable du titulaire des droits.

- des reproductions de documents conservés dans les bibliothèques ou autres institutions partenaires. Ceux-ci sont signalés par la mention Source gallica.BnF.fr / Bibliothèque municipale de ... (ou autre partenaire). L'utilisateur est invité à s'informer auprès de ces bibliothèques de leurs conditions de réutilisation.



4/ Gallica constitue une base de données, dont la BnF est le producteur, protégée au sens des articles L341-1 et suivants du code de la propriété intellectuelle.

5/ Les présentes conditions d'utilisation des contenus de Gallica sont régies par la loi française. En cas de réutilisation prévue dans un autre pays, il appartient à chaque utilisateur de vérifier la conformité de son projet avec le droit de ce pays.


6/ L'utilisateur s'engage à respecter les présentes conditions d'utilisation ainsi que la législation en vigueur, notamment en matière de propriété intellectuelle. En cas de non respect de ces dispositions, il est notamment passible d'une amende prévue par la loi du 17 juillet 1978.

7/ Pour obtenir un document de Gallica en haute définition, contacter utilisation.commerciale@bnf.fr.

PORT.
60

 O B R A S 
 de Francisco de saa de Mirã-
 DA DIRIGID -
 as ao principe
 N O S -
 fo señor: que lhas
 M A N D O V P E D I R .




 . M B .

. I . 5 . 6 . 4 .

SONETO

ao Principe nobre
señor.

A PRINCIPE tamanho, cujo rogo,
E mais aos seus, inda he mais q mandar,
Que posso bi al fazer? se não passar
Pola agua, polo ferro, e polo fogo,
Se me firo, se queimo, se me afogo,

Se dou de mim o mundo em que falar

Leuemente se pôde desprezar

Tal dano, e inde mal q nam foy logo,

Era ia tudo como encomendado

A traca, e pó d'aldea, e sua baixeza

Antre teas d'aranhas encantado,

Logo gram señor tudo despreza,

Quem sac a praca por vosso mandado

Abasta o nome só de vossa alteza.

CANTIGAS, VILANCETES,
ESPARSAS, CANCOES, E SO-
NETOS.

Que arremedando Horatio, tudo pode passar por odas:

CANTIGA.

de don Jorge Manrique:

No sé porq me fatigo
 Pues con razon me venci
 No siendo nadie conmigo
 Y vos, y yo contra mi.
 Yo, por aueros querido,
 y uos, a mi desamado,
 Con vuestra fuerza, y mi grado
 Auemos a mi vencido,
 Y pues fui mi enemigo
 En me dar, como me di
 Quien osara ser amigo
 Del enemigo de si.

G L O S A.

De Francisco de Sa como se uagle tempo muito
 acostumana.

Del tormento enagonado
 No sé q conserio sigo,
 Voy de cuydado en cuydado
 Mas ya algo en mi tornado
 No sé porq me fatigo
 Haz lo q suele el pesar

Desahinándome ansi,
 Mas como os bueluo a pensar,
 No se de que me quejar,
 Pues con razon me venci.

En aqlla mi agonía
 (La verdad sea el testigo)
 Triste quien me ayudaria
 No siendo nadie conmigo.

Y aun esto no abasto,
 (Que harto mal era ello en si)
 Que a mi me faltasse yo
 Mas no fuy conmigo no
 Y vos, y yo contra mi.

En verdad cruel concierto
 (Si tal nombre le es denido)
 Que entramos me ayamos muerte
 Vos porq? no sé, mas cierto
 Yo, por aueros querido.
 Triste, y como lo sabre?
 Que en aquel punto ordenado

Que a vós mis oíos alee,
A mi desamado me he,
Y vos a mi desamado

En el mal quando acontece
Consuela algo el ser forçado
Esto tambien me falece,
Quel coracon se esmorece
Con vuestra fuerza, y mi grado,
No digo q' lo quesistes
quien de mi nada ha querido
Pero vos q' me vencistes,
Vos, y los mis oíos tristes
Auenos a mi vencido

Que lagrimas, ni q' ruegos
Me alcançaran vn abrigo?
En tantos desasosiegos?
Pues me inque tales inegos
Y pues fui mi enemigo,
Que la razon natural
Va derecha por aqui,

4
3
Que a los otros seré tal,
Quando a mi me he hecho mal
En me dar como me di.

Todos andan al prouecho,
Yo, q' a mis danos me obligo
Bino conmigo en despecho,
De tan duro y cruel pecho
Quien osara ser amigo?
Mas porq' digo osará?
Y no digo antes ansi,
Qual peligro detornia
A quel q' fuyendo va
Del enemigo de si.

CANTIGA.

Quanto mal m'era ordenado?
Los bienes conq' nasci
Los vnos me han desechado,
Otros son ya contra mi.

De la mi alma no se
No se de mi coracon,

Ala fuerza no ay razon,
Cad'vno tras vos se fue,
Vida, memoria, y cuidado,
Sentidos q' a vos orgui,
Estos nunca me han dexado
Por serem mas contra mi.

ESPARSA.

Por q' podera abafar
Ouvindo, o q' uace mudo
Comdescios de falar,
Antes se lhe nega tudo.
Ora, auendo de nacer
D'ouir, de ver, tal descio,
Porq' ouui? se vos nao' ueio,
Nem vos espero de ver?

CANTIGA

Señora, oyd la mi suerte,
Ved la vuestra crueldad
Por no' pedir os piedad
Antes la pido a la muerte'

El mi coracon cahido

5
4
En tanta cuyta, y desmayo,
Pues q' nunca os ha movido
Ante la muerte lo trayo,
Mas no sé como conuierde
Tan grave contrariedad,
Que me hazeis piedad
Contra la muerte, a la muerte'.

CANTIGA.

Agora quem me dirá,
Que he de mim, se nao' estou
(Como ouui q' dizeis), lá?
E eu ca comigo nao' vou.

Juda q' me eu ca nao' via
Passaua indo à boa lei
Crendo q' onde vos deixei
A vos e a mi me acharia
Agora quem me dará
Notas de mim onde estou
Pois dizeis q' nao' sou lá,
E eu ca comigo nao' estou.

CANTIGA

Puedesse esta chamar vida
 A la qual s'entra llorando,
 Que se passa sospirando,
 Por la muerte es la salida.

Por la qual jó sin ventura
 Con gran cuita he deseado
 Que ouiera sido lleuado
 Del parto ala sepultura,
 Por esta noche cumphida
 No viendo, mas apalpando
 Voyme assi deuançando
 Entre la muerte, y la vida.

E S P A R S A .

Tornouseme tudo em vento
 E m fim de muito torméto
 Que eu passei cuidando em al,
 Veio q' foy cedo o mal
 E tarde o conhecimento.
 Em assi desenganado
 Veio vir males mayores,
 O, tempo a q' sou chegado,

Que posso doar as dores
 E dar cuidado o cuidado

CANTIGA

Mal de q' m'eu contentei
 Ia a conta por feita está,
 Agora descansarei,
 Se me segue, matarme há,
 Se me deixa, matarme ci.

Nas cousas q' não tem meo
 he escusado causar mais,
 Ir d'esperanca em recco,
 E de sinais em sinais,
 Em vão cá e lá cansei,
 Tudo m'he tomado já,
 Ia'gora descansarei
 Esta dor me matará,
 Sem ella não viuirei.

CANTIGA

Nacido E criado em meo
 De dores, fezse a dor tal,
 Que pode chegar o mal

Onde não pode o receo.

Que s'eu pudera algu' hora
Em tanto tempo esperar,
De ver tamanho pesar,
Poderao soffrer agora,
Mas que farei, se a ser veo
Crecendo sempre a dor tal
Que passou muito o sinal
Que antes posera o receo

. C A N T I G A .

Comigo me desavim
No extremo som do perigo
Não posso aturar comigo,
Nem posso fugir de mim

Com dor, da gente fugia
Antes q' esta assi crecesse
Agora ia fugiria
De mim, se de mi pudesse.
Que meo espero, ou q' fim
Do vao trabalho q' sigo?

Se trago a mi comigo
Tamanho inimigo de mim

. C A N T I G A .

A esperanza he perdida
Tudo veo a falecer
E o q' fica da vida
Ficon para m'eu perder.

Aquela esperanza minha
Assi fraca, E va' como era,
Cos olhos q' nela tinha
Mil anos me sustiuera:
Eyla de todo perdida
Farmeao' muya zinha orer
Que hi não ha mais nesta vida
Seriao' nascer E morrer.

. C A N T I G A .

Por estes campos sem fim
Em q' a vista assi s'estende
Que verey triste de mim
Pois veruos se me defende.

Todos estes campos, cheos
Sam de dor, E de pesar
Que vem para me matar
Debaixo de ceos alheos
Em terra estranha, E c' mar.
Mal sem meo, E mal sem fim
Dor, q' ningué nao entende,
Até qua' longe se estende
O vosso poder em mim.

VILANCETE.

Esperanças mal tomadas
Agora vos deixarey,
Jam mal como vos tomey.

Que vida ha de ser a minha
Por tempos né por mudanças
Que possam vir, q' nao tinha
Mais bem q' estas esperanças:
Agora, as desconfianças
As suspeitas que farey,
Com q' lhas defenderey?

7
8
Trabalhos desenganados
O tempo o menos vos canse,
Partam cuydados, E vanse,
E porem o que cuydados
Mas deixéme erros passados
E m' q' eu por meu mal entrey,
E por meu mal sabirey.

VILANCETE.

Que mal avindos cuydados
Me tomarao' antre si
Nunca tais cuydados vi

A minha alma nao' repousa
Nem de noite, né de dia,
Dentro nela contraria
Toda cousa, a toda cousa:
O cuydado que mais ousa
E q' mais confia em si
Ora he assi, E ora assi.

Que me quer es te receo
Sobre tantos meus agravos,

Teme tomados os cabos
E os males meus não tem meo,
Ja não confio, nem creio,
Iã confiei, E ia ori,
Mal assi, E mal assi.

Se esperanza inda hi ouuesse
Que por tempo se faria
Que hũa hora me não temesse
Isto me descansaria:
Mas eu não sey por q' via
Se possa fazer, q' assi
Não moura como viumi.

ESPARSA.

Que la mi vida se asfuele
Sin razon q' ansi lo quiera,
Yo me pene, yo me muera
Que nadie no me consuele:
Ni porq' ansi me acontece
Ninguno me lo demande,
Que em toda cosa muy grande

9
8
Toda razon desfallece.

VILANCEE

Em pago de tanta dor,
Se vereis inda algum dia,
Que não vola mercia.

A vós seõora apronuesse
De ver esta minha fe
Hũa hora só antes que
Morresse, E depois morresse,
Quem por isso olho tiuesse
Com todo mal poderia
Esperando a quele dia.

CANTIGA.

A te quando me tereis
Nesta dor q' por vos quis!
Os seruiços que vos fiz
Quando mos perdoareis?
Não ser vosso, não he em mim,

Isto quereisimo acoirnar ?
 Que perdam posso esperar
 Pera a alma vossa sem fim ?
 Se me tanto mal fazeis
 Por sermicos que vos fiz,
 O bem q' vos quero, e quis
 Quando mo perdoareis ?

A ESTA CANTIGA velha.

La q' tengo no es prision,
 Vos sois prision verdadera,
 Esta tiene lo de fuera,
 Vos teneis mi coracon .

De FRANCISCO de Sa

Dela gente q' aqui viene
 Auermie, de risa muero
 Rionie del carcelero
 Que piensa q' aqui me tiene :
 Ven, y miran la prision,
 Ven los fierros, como quiera,
 No ven, cad' uno que ende ora

Donde era su coracon .

. CANTIGA .

Hua morte hei de morrer,
 Que faz mais assi q' assi ?
 Isto nam posso soffrer
 Auerense de perder
 Os olhos com que vos vi .

Os olhos, por quem passaram
 Os vossos ao coracam
 Onde para sempre estam
 Que me somente ficaram
 Me foram alto quinham .
 Mas s'inda os ey de perder
 Alem de quanto pordi,
 Acabarei de morrer
 Acabarei de saber
 Para quanto mal naci .

. CANTIGA .

Lois meu mal com quanto he

Vossa crueldade he mor,
Ao menos faça esta dor
Ante vos fê, de tal fê.

Vistes passar tantos annos
Duro sempre este cuidado,
Nam. estrangeis desenganos
Em homem tam enganado
Assi sem causa, ou porque,
Traz hũ mal outro mayor,
Mas de mim seia o que for,
E ao menos saluesse a fê.

. E S P A R S A .

Como nam quereis que seia
Meu perigo em todo extremo?
Se minha alma assi desceia
Tudo o de q' m'eu mais temo,
E para mor meu tormento,
Cego, triste, e cunheado,
De quanto tinha roubado
Ficoume o conhecimento.

. C A N T I G A .

Sortes, e venturas saõ
Nos males q' me fazeis,
Se tendes porq', senam
Sõ sois a que o sabeis.

Porisso quanto padeco,
E o mais, q' ainda mais espero
Quero o se o mereço,
E senam tambem o guero,
E q' agora o nam cuideis,
Dias e annos farão
Que o q' sem razam fazeis
Inda vulqueis por razam.

. C A N T I G A .

El agranio que recino,
De quien yo menos deuiera,
Dexad q' llore siquiera
Ya q' para mas no bino.

Alivio sea, o salida,
Al dolor, esto q' os cues ta?

Que nò passe ala otra vida
Con tanta querella desta
Mientras d'un mal tan esguino,
Mas mal, no quiere q' muera,
Dexadme llorar signiera
Porq' tenga algo de bino.

. C A N T I G A .

Ja'gora tempo seria
Que visse tal vaidade
Aquella cega vontade
Que tam cegamente guia

Estando às contas comigo
Boa he de ver a razam
Por mimos do coracam
Inda tudo o peor sigo:
Voume assi de dia em dia
Olhos de longe à verdade
Entretanto esta vontade
Minha guia cega, guia.
Este CANTAR velho.

Todas vienen dela vela
Nò viene domengua.

FRANCISCO de Sa
Toda persona boluido

Que parado he mentes bien
Vna falta, y es por quien
Quanto a mi nadie tornó
Que me hare cuytado yo
Con q' la vida sostenga
Hasta q' mi vida venga.

. E S P A R S A .

Do passado, arrependido,
Seguro d'outro erro tal
Scia o perdido, perdido,
E do mal o menas mal,
Facasfe o que vos mandais
Nam vos ouca mais ningue
Que do mal vosso, E do bom
Nam sey qual quisesse mais.

. C A N T I G A .

Nada do q' ves he assi
Trás os olhos não te abales,
Olha q' não es em ti,
Tudo he tiremme daqui,
Matemme nesses outros vales.

Isto, q' te assi parece
Pórtia em fadiga vã,
Que de fora resplandece
Dentro não há censa sã,
Cuytado cego, após ti
Corri montes, corri vales,
Que ganhei triste, ou q' vi?
Deixame acabar iã assi
Não me mandes ver mais males

A este CANTAR velho.

Por malos emboluedores

Perco triste meus amores.

FRANCISCO de Sá.

A hum descanso q' eu tinha
Hua só triste esperança,

Donde vco tam a sinha
Hua tamanha mudanca?
Que se fez da confianca
Comq' nos males mayores
Eu passava as minhas dores!

Males q' eu tanto estimava
Que se nos meteo no meo?
Em tempo q' eu mais andava
Sem sospeita e sem receo,
O engano, e o enltheo,
Que engeitam os seruidores
E querem antes senhores.

Se ama o ser de ser tal,
O melhor fora não ser,
Omuesseme enueja o mal
Que outrem nam podrá soffrer
E eu veio vir a correr
Sobre mim os matadores
E fugir os valedores.

VILANCETE.

feito por outro velho, que dezia. Serrana onde iouvestes.

Coracam onde estinestes
Que tam nã noute me destes.

Toda a noute pelejei
Eu que iã mais nam podia
Busqueiuos, nam vos achei,
Sem vós, eu só que faria.

Destesme dores de dia
Pollo q' assi me fizestes
De noute dores me destes.

. E S P A R S A .

Todas as cousas tem cabo
Seia paz, quer seia guerra,
Olhay q' brada da terra
E meu sangue, e o meu agravo:
Cad' hora em tudo ha mudanca,
Virã a pos esta outra tal
Fazer iustica, E vinganca,
Negra da minha esperanca,

Que me doe mais q' meu mal.

C A N T I G A .

Foy me grande agravo feito,
Sermia ora mao de crer
Quem o fez, posso fazer
Ou a torto, ou a dereito.

Estana ordenada hua hora
Veo, nao ouue hi tardanca
E leuoime hua esperanca
Que senao fora eu nao fora:

Que remedio ao ia feito,
Fezeo, quem tinha o poder
Eu que posso hi al fazer
Que gemer dentro em meu peito.

. C A N T I G A .

O coracam que vos ve,
Aos olhos q' vos nao vem,
Nam vos cuspem, q' nao tem
Alguã razam porq'.

Cad' hora estes olhos canso
Por estes montes arriba,
Que a vista curta e cativa
Tolhem todo seu descanso
Deixen os regar, q' tem
Olhando, razam porq,
O coracem que la he
Os tristes choraõ daque

VILANCEE.

Deixame a minha tristeza
Que ia agora outra alegria
De mor perigo seria

Os males acostumados
O mesmo costume os cura,
Bens ta' vãmente esperados,
Quem os sofre? quem atura?
Senam desapaixoados.
Crieime co' meus cuidados
Ia agora não saberia
Tomar outra companhia.

CANTIGA.

Tudo passa em hum momento,
Viue sempre este cuidado
Que o meu coracem cuitado
Cad' hora poem a tormento.

As voltas co' as sospeitas
Contas fiz, contas desfiz,
Estas depois q' as fiz
Forão para sempre feitas.
Jaz alto seu fundamento
De maos e de pes atado,
Por hum coracem culpado
Moura hum sem culpa a tormento.

VILANCEE.

O meu mal pudco soffrer
Este, porq' todo he vosso
Que vos não doa, não posso.

Vos passailo alegremente,
Mal aiaõ os maos sinais,
Que entam são eles mortais

Quando home seu mal não sente,
Não sentis inda o presente
Quanto vos custa este vosso,
Assi quero, e assi posso.

Ma se hi ha peso, e medida,
Nem de tudo he tudo vento
Tambem o meu sentimento,
Deue ser sinal de vida,
Mas esperanca cumprida
Porq' eu esperar não posso
Não por mim, mas pelo vosso.

CANTIGA.

Já ledo em males sem cura
Dos descios trasportado,
Querendo e sendo forçado,
Ora cuidar me assegura,
Ora me mata cuidado.

Assi me tem repartido
E estremos, q' não entendo,

De toda parte corrido
De toda desacorrido
De minhã me defendo,
A vida esta mal segura
Eu tenho outro miôr cuidado,
Que mal en tanto estimado!
Que nesta desanctura
Me faz bom aneturado!

ESPARRA.

Não veio o rosto a ninguém,
Cuidais q' são, e não são,
Sombras q' não vam né vem
Parece q' avante vão
Antre o doente e o são
Mente cad' hora a espia
No meo do craro dia
Andais antre lobo e cão.

A HVA · O B R A · I N · T I T V L A D A · B I · L A · D ' A M O R

A vossa bulla d'amor

Não he para toda gente
Perdoa a culpa fomenta
A pena nam, né a dor,
E assi faz amor com'ella
Que com esperança incerta
Traz o mar, e morte certa
Leandro, e Hero á iancla,
Assiq' d'amor e della
Mais se abraça q' se aperta.

CANTIGA.

Cego deste meu desejo
Mal dos males, mior dos mores,
Que não daria estas dores
Por quantos prazeres veio,

Meu mal tudo tempo si,
Tam cegamente deseia,
Qu'inda no mundo não vi
Cousa de q' omesse enueia?
Teue o meu mal os seus meyoas

14
16
Da prazeres suas dores,
Porem trago os olhos cheos
Que hei de ver cedo outros mores,

VILANCETE.

Os meus castellos de vento
Que me on tal coita pusestes,
Como desaparecestes?

Armei castellos orquidos
Estene a fortuna queda
E disse gostos perdidos
Como his a dar ta' gram queda?
Mas, o cego entendimento
Em q' parte vos pusestes
Que entam me não soccorrestes?

Cabirame tam asinha,
Cabiram as esperanças
Isto não forão mudanças
Mas forão a morte minha,
Castelos sem fundamento,

Quanto me prometestes,
Quanto me faleceste.

VILANCEE.

A costumeime os meus males,
E eu assi costumado elles
Andam por me apartar delles.

Não ha Fortuna vergonha
Do mal q me assi fazia,
Ha medo de hua peconha
De q eu agora vinnia

Quando os meus males sentia
Quando me queixana deles
Deixanãme iazer nelles.

Agora, q o costume
Que al não, mos tinha abrandado
Viram me andar sem queixume
Prouãme no meu cuydado.
Que bem he, d'acostumado,
Os males, calar co eles,

Que assi me afrontam por elles?

ESPASA.

Quando nos meus erros cuido,
No meu craro e longo engano
Leuemente passo o dano
A par de tanto descuido
Passando a forza de braços
Por hús e outros empecos
Quam mal por estes espacos
Dizem as fins cos comecos.

VILANCEE.

Estes meus olhos q assi
Lisongeam de vontade
Se me falaram verdade!

Medo ei q ma não falem
Não me fio no q veio
São segredos do desreio
Contra quem olhos não vale.
Não são para mais, q assi

Andar o som da vontade
Chorar à necessidade.

A esta CANTIGA. *velha*

Como não se desespera
Quê se ve como me veo,
Tan lexxos, de dō desejo,
Tan cerca, dō no quisiera.

FRANCISCO de saa.

Triste q̄ ha de ser de mim?
Como bmo sola vna hora?
Cansado y corrido ansi
De lo q̄ me veo aqui
Y lo que he visto algũ hora
Mi esperanca lisongera
Con quien tanto ha q̄ peleo,
Que me quereis? q̄ no veo
Porque ya la vida quiera.

AIVDOV PEDRAza
q̄ no cancionero geral se chama Costancio, E foy a
milhor de todas, ao menos a primeira parte:

Los males de los ausentes
Sanan cosas de presencia,
Mas a mi enfermo d'ausencia
Matame cosas presentes,
Pues es foy dō no deniera,
Y lexxos de dō desejo,
No llegara a dō me veo
O nunca de alla partiera.

CANTIGA.

Olhay, a camanha estreita
Senhora, minh'alma he vinda,
Na vida ha infinda sospeita
Na morte sandade infinda?

Quem me dara novas penas
Inda q̄ tudo me tolha,
Com q̄ voe, E que me acolha
Do meo de tantas penas?
Nao sopé, E má creita
Causam tanta ida Evinda,
Da vida lanca a sospeita

Da morte, saudade infinda.

A S E P V L T V R A
de Pedrasa, de que acima he dito.

Alma q' en tan pocos dias
Tal nombre, y tal fama, has dado
Al cuerpo aqui sepultado
Que a otra parte regias
Aqui, la carne pesada
Ya tierra, espera por ti,
Alma bienaventurada,
Esto no te cumple nada
Los hombres piensan q' si.

A O T R A S E P V L T V R A
de hũa Dama.

De quam pouca terra, satisfeita ia
A que toda ella, não a merecia?
A quella q' triste, ou leda, como hia
Assi punha tudo, em guerra, ou e' paz,
Leuounola a morte cruel, q' desfaz
As melhores cousas, co' mayor presteza,

Ab morte, o mundo, a tua riqueza
De quam pouca terra satisfeita ia.

V I L A N C E E .

Se meu tormento me desse
Lugar, para cuidar nele
Não me queixaria delle.

Foy me dado hũ só momento
Des ali pude eu cuidar
Que não fora ele tormento
Se me dera algu' vagar:
Não mo quiserao mais dar
E a q' pudera co' elle
Seruida he morte sem ele.

V I L A N C E E V E L H O .

Pusiora yo mis amores
En vn tan alto lugar
Que no los puedo olvidar
FRANCISCO DE SAA.
Al mi mal, tan mal creído

Dolor, sin fin, y sin medio
Remedio le era oluido,
Yo, oluideme el remedio
Por vos, no duelen dolores,
Por vos, no pesa el pesar,
Como os podre olvidar?

Por vos el contentamiento
(Quien nunca tal cosa oyo)
Entre la muerte y tormento
Lugar para si halló
Y en medio de mil dolores
Que andan para me matar,
A placer se puede estar.

DIALOGO AS DAMAS,
estando hi Dona Lianor mascarenhas, de
Bernaldim Ribeiro.

Hua cousa cuidau' eu
Causa d'ontras muitas cousas,
Razam tinha de o cuidar
Daome sem razam cuydado,

Einda hei de pedir a outre
Das suas culpas perdam,
RESPONDEO ELLA.
Hua cousa vos digo eu
Que nao sou para estas cousas
Razam fora nao cuydar
Em tam sem razam cuydado,
Pois ei de sofrer a outrem
Culpas q' nao tem perdam.

TORNARAM LHE A MAN-
dar inda es foutro.

A mim me ei de tornar eu
Para vingar muitas cousas
Que nao sao para cuidar
Foram para dar cuidado
Seia minha a culpa d'outrem
Que assi val mais q' o perdam'.

OUTRO DIALOGO
go tambem a cla, de Francisco de Sa.

Vi sinais, o mal he grande,
Vios no ceo, vi na terra,

Ounesse d'achar caminho
Para se tudo perder,
Deseios demasiados
Náo são deseios de vida.

TORNVELLA A RESPON-
der isto.

Outro mal ha muito grande
Neste mundo, e nesta terra,
Em q' não veio caminho
Para me nela perder,
Deseios meus e cuidados
Náo são pôstos nesta vida.

INDA A IMPOR-
tunarao' mais.

Canarei, e o meu mal grande
Em gritos direi à terra,
D'alma ei dó, q' he em' caminho
Posta, para se perder,
Que' acabasse os cuidados
Quando se acabasse a vida.

POLO DELA Q

he cousa rara, pus aqui isto, porq' se veia q' ta bom
Portugal' tene a sua marq'sa
de Pêscara.

VILANCEE de Garcisanches.

Secaronme los pesares
Los ojos, y el coracon,
Que não puedo lhorar nó.

FRANCISCO DE SA.

Y de quedar qual yo quedo
No sé como pudo ser,
Si otros lhoran com prazer
Yo con tristeza não puedo,
Pues quando un coracon leido
Puede lhorar, como no
Llora un triste coracon!

A ESTE CANTA
das moças ao Adufe.

Na quella serra
Quero ir a morar
Quem me bem quiser

Quem me quiser bem
La me irá buscar.

FRANCISCO de saa
Nestes pouoados

Tudo são requestsas,
Deixaimẽ os cuidados

Qu'eu vos deixo as festas.

Daquelas frorestas

Verei longe o mar

Pormei a cuidar.

RESPONDE LHE OUTRA
companheira doutra opiniao.

Sombras E agoas frias

Cantar d'aves bem,

Quando as tardes vem

Por cá bradarias

Ves q' pressa os dias ~~leuam se e~~

Leuam, sem cansar,

Nunca haõ de tornar.

A PRIMEIRA.

Não insulte ninguém

Outrem nunca por si

Mais dum bem q' vi

A vida não tem,

Não deixa este bem

Onde se elle achar

Mais q' desciar.

A OUTRA.

Deixa as vaidades

Que da mão a boca

O sabor se troca

Trocansc as vontades

Sam essas suydades

Armadas no ar,

Não podem durar.

A PRIMEIRA.

Naquela espessura

Me hei dir esconder

Venha o q' vier

Acharna segura,

Se tal bem não dura

Lo seu passar

Tudo ha d'acabar.

A quele CANTAR. velho.

E n toda la trasmoaña
 Nunca vi cosa millhor
 Que era la esposa de Anton.

E F. FRANCISCO de Saa

Naquelle longo desterro
 Que eu por vontade segui,
 Quer fosse razam, quer erro,
 Quis o coracão assi
 Vi húa visam estranha,
 As vezes cuido q' não,
 Fosse verdade ou visam
 Parece-me ella razam serrana

Não era o coracão quedo,
 Hia, E tornava, a minde,
 Ora ó prazer, ora ó medo
 Tueme o millhor q' pude,
 Quantos bens, má sorte dana
 Brada que' o ve em vão,
 Sospirava por Antão
 Hum vaqueiro de Morana,

Olhos, q' tais olhos vistes
 Venci bem aucturados
 E porem ouvidos tristes
 Para tanto mal guardados,
 Que he isto q' assi engana
 E assi despreza a razam,
 Que sospire por Antam
 Que não tem nada de humana.

VILANCETE. Alheo.

Delas tierras donde vine
 Vi mas bien q' puede ser
 Alla me quiero boluer.

FRANCISCO DESA

Pero mientras deuanco
 Pensando a quanto alla vi.
 Forcado, y temido, aqui,
 Llenado alla del desseo,
 Mientras debato, y pelco,
 Si me piensan detener
 El alma avra de boluer.

VILANCETE DE
 Mannel doliveira.

Pois os meus olhos são vossos
Que faço eu
Em dar a seu dono o seu?
FRANCISCO DESA.
Quantos conselhos se dão
Os olhos comq' vos vi,
Hum diz assi, outro assi,
Razões que não vê, nem vão,
Vão-se apos o coracão
Que vos ia de'n
Quanto sohia de ser seu.

Tudo he em vosso poder,
De livre q' eu aqui vim
Não deixastes nada é mim
Nem olhos que al' posão ver
E como podia ser
Vermos eu
E ter mais olhos de meu?

VILANCE E Alho.
En mi coracão vos tengo
Por las gentes no os veo.

O conde Luis da Silveira.
Voy como loco sin tiento
Con los oios a buscaros,
Y de no poder miraros
Dios sabe lo q' siento,
Veo en el pensamiento
En el alma, En el desseo,
Con los ojos no vos veo.
FRANCISCO DESA.
Por lo qual ufano y lleno
De quanto bien del confio,
Em mi coracão agoño
Boluo de nuevo a ser mio,
D'otra parte yo sandio,
Engañado del desseo
Con los oios deuanco.
A este CANTA velho
Sandade minha
Quando vos veria
FRANCISCO DESA
Por terra ia si
Tudo, em tal mudança,

Que faz inda aqui
A hua esperanca?
A minha lembranca
A minha perfia
Que mais a perfia?

Que faz hu' desceio
Tam desenganado?
Que faz o sobeio
Deste meu cuidado?
Comigo apartado
Quando anoutezia
Quando amanhecia.

Suydade e sospeitas
A torto ou a dereito
Nao serais desfeitas
Quando eu for desfeito,
Inda o frio peito,
Inda a lingua fria
Por vos bradaria.

A este CANTAR. velho.

Sola me dexaste
En aquel yermo
Villano malo, gallego..

FRANCISCO de saa.

Do te me escondiste,
Corro, y no se adonde,
El valle responde
Tu no respondiste.
Moca, sola y triste,
Que llorando ciego,
Hasto a burla y inego.

En yermos agenos
Lloro, y grito en vano,
Gallego, y villano
Que esperava menos!
Ojos d'agua llenos
Que acienden mi fuego,
Donde auram sosiego!

A ESTE VILAN cete albo.

Que vos farei meu cuidado?
Onde vos trarei metido
Que não seiais entendido.

FRANCISCO de Saa

Descubri-me cada hora,
Cuidei q' era à minha mimgoa,
Mas emquanto velo a lingua
Sabis pollos olhos fora,
E não cuidais que me fora
Sendome tal entendido,
Melhor nunca ser nacido.

AESTE VILAN cete alheo

Desenganei hum cuidado
E mais o meu coraçam
Cua desesperaçam.

FRANCISCO de Saa.

Tenho minha conta etica,
O q' ha de ser, seia logo
Pollo ferro, E pollo fogo,

Que não he amorte tam fea,
Vivi, a vontade alhea,
Moura a minha, E quando não
A pesar do coraçam.

CANTIGA.

Se me este cuidado atura
Que me persegue, E que eu sigo,
A vida esta em perigo
E a alma pola ventura.

Bem sei tudo o q' ha de ser
Mas he de tanto pesar
Que hei medo de o dizer,
E medo de o cuidar,
Não veio consa segura,
Seguro he só o perigo,
E o q' agora não digo
Deixai fazer a ventura.

CANTIGA.

Fuye el tiempo, esta el mal que do,
Pense morirme, y no muero.

Puedo enganarme, y no quiero,
Quando ya quiero, no puedo.

Todo se me va en antojos
La cruel carcel es oscura,
Cuitados de los mis oios
Que pagan tanta locura,
De todo me pide el miedo
Lagrimas, como de fuero
De lo que puedo, y no quiero
De lo que quiero, y no puedo.

A este cantar velho DONA BELLA.
Francisco de Saa.

Ansi q aqlla hermosura
Ya mas vista sin espanto,
La gracia y desemboltura,
Todo se es mudado en llanto,
Suerte tan presto mudada
Tan embudiosa de si,
Donzella dichosa ansi,
Y doña tan desdichada.

No se q me diga, o a quien
Culpemos en mal tamaño?
No se ayunta tanto bien
Sino para tanto dano,
En todo tan acabada,
Dixe yo luego q os vi,
No nascistes vos ansi
Para ser bien empleada.

A ESTE VILAN cete alheo.

Este mal
Otro tiempo lo senti,
Mas no me dolia ansi.

FRANCISCO DE SA

Pordemias es q me vele,
Que me tema, y q me guarde,
Qu'el sol q mas tarda suele
Descubrir rezio, y mas arde,
Aunq ya tarde
Abriendo los oios vi
Que otro mal no duele ansi.

Este es fuego, por cierto
Si del todo no soy loco
Que me quemó poco a poco
Crescio andando encubierto,
No fue muerto
Como demora, yo sí,
Yo soy el q me perdi.

VILANCETE alho.

Quem cuidar, E quem disser,
Que de matar sois seruida
Náo sabe q cousa he vida

FRANCISCO de Saa.

Náo he dano, o q náo dana,
Té morte, da vossa mão,
Náo he morte, he nome vao,
Que á primeira face engana,
Onde náo ha cousa humana
Tudo espirito, E tudo he vida,
Mal iará a morte escondida.

Ficase poreu julgando
Antre a hua' Eoutra sorte
Se dáis vida dando a morte
Que fareis a vida dando?
A fe que vay embicando
Náo ve dos olhos tal vida
Sómente porq duvida.

AESTE VILAN cete alho.

Tu presencia desseada
Zagala desconocida,
Di, porq la has escondida!

FRANCISCO de Saa de Meneses.

El cielo niega el rocío
El ganado se nos pierde
El campo ya no es verde,
Ni corre tan claro el río:
Secosse el valle sombrío
Con la tu triste partida
Zagala desconocida.

FRANCISCO DE SAA.

Hás la tu tierra assolada
Que eras toda su riqueza
Nacida en ella, y criada
Pudiste hacer tal cruera?
En miseria y en pobreza
La dexaste en tu partida
Y a mi cuitado en tal vida.

Oy dos, q' ensordecistes
A sospiros, y a los ruegos,
Que verán los oios tristes
A qui dexados tan ciegos:
Vasquos, y desasosiegos
Nos són en lugar de vida
Tras los tus oios fiada!

Las sombras, las aguas frias,
Flores, y oruas, q' has pisado,
Quanto te via, y tu vias,
Todo queda avelenado:
Vn triste, vn ciego, vn cuitado,
Vn loco, en la tu partida

Pasmando pierde la vida.

CANTIGA alhea

Ay, q' el alma se me sale,
Lo, porq' siento perdella
Es porq' estais vos enella,
Que la vida poco vale.

FRANCISCO de Sa

Loco de mi que pensava
Podella aqui detener
Comigo, vn' alma q' estava
Vfana, en vuestro poder:
Quien quereis q' esto le iguale
Estava rico con ella
Siendo vos snora enella,
Que lo mas todo q' vale?

VILANCEE ALHEO

Pollo bem, mal me quiseses,
E eu nunca tenha prazer
Se vos mal posso querer.

FRANCISCO de Saa

Fora ella razam igual,
Mas vede as leis q' amor tem
Que em vez de vos q'erer mal
Assi vos quero mor bem,
E passo tanto iuda alem
Do q' esta dor soe fazer
Que me vim a aborrecer.

VILANCEE de Ioham del Enzima

Quien te hizo Iuan pastor
Sin gausio, y sin plazor
Que alegre solias ser?

FRANCISCO de Saa

Vn yerro, y mas en zagal
No es caso q' mucho espante,
Mas seguir yendo adelante
Que es mal, si esto no es mal?
Pesame de verte tal
Pesame Iuan de entender
Lo q' puede acontecer.

31
30
Responde Iuan pastor.

Quise fuyr de la gente
Sinó q' me viu a mi miedo,
Trahia el rostro de ledo
El coracon de doliente,
Mas quien nó sabe, y no siente
De q' fuerças puede ser
Muestras falsas de plazor?

A ESTE CANTA velho

Tano os yo, mi pandero,
Tano os yo, y pienso en al.

FRANCISCO DE SAA

Mientras el fuego arde y destruye,
Busco con q' el tiempo engane,
A deshora el alma fuye
Que no se triste quien tane.
Dexa aqui que me acompañe
La mi ovita tata y tal,
Y ann va pensando a más mal.

D'amor por cierto villano
Ficme como sandia,

Pusome el pandero en mano
Y lleuóme el alma mia,
En la postrera agonia
De la mi ansia mortal,
Ni muere, ni mata el mal.

CANTIGA.

Alma tam sem assefego
Que nem deste ar me não farto,
Donde cum queixume chego
Com mil queixumes me parto.

Dos meus segredos me donhos,
Em que a alma cada hora empeca,
Os ventos, a neua, os sonhos
Que não tem pes nem cabeça,
O q' com a lingua nego
Por muitos sinais reparto,
Empoder daquelle cego
Nunca de lagrimas farto,
Mal as noites, mal os dias

Com medos e co' sospeitas,
Fazendo cotas baldias
Corro tormentas desfeitas,
Deste meu desassefego
Que ora dou volta, ora parto,
Deste ver tanto, E ser cego,
Todos do q' encubro farto.

Nas cousas q' ia algum hora
Esperava algu' reponso
Triste de mim q' iãgora
Nem cuidar nelas não ousou,
Aque fraquezas q' chego
Em quantas partes me parto,
Por este coracem cego
Nunca de seus males farto.

HVA MANEIRA,
de cancam italiana, a que chamao' sextina, porê
no nosso he medida.
Não posso tornar os olhos
Donde os não leua a razam
Que porã ley à vontade.

Confirmada do costume!
 Vontade, q' as suas leis
 Manda defender por força,
 Isto q' al he senam força
 Que me fazem os meus olhos
 Quebrantadores das leis?
 Brada apos m' a razam
 Mas q' val contra o costume
 Em que esta posta a vontade?
 Conselhos, contra a vontade
 Fracos, e de pouca força,
 Que não podeis do costume
 Tirar hua hora estes olhos,
 Tendo por vos a razam
 Que faz, e desfaz as leis.
 Que tyrania de leis?
 Que dureza de vontade!
 Ah, grammingoa de razam
 Queira, ou não queira, he por força,
 Que se me vão estes olhos
 Onde mos leua o costume:
 Não valem leys sem costume

Val o costume se leis
 Tanto pode elle, e estes olhos
 Seguidores da vontade
 O tempo, atornou em força
 Em desprezo da razam:
 Onde deuora a razam
 Vence vontade e costume,
 Que farey a mayor força?
 Ai am piedade as leis
 De quem entregue a vontade
 Vay preso apos os seus olhos,
 Olhos, a pola vontade
 As leis, apos o costume,
 Apos a força, a razam.
 Esta composicam das sextinas, he a de mais
 artificio, que quantas em Italia se vsam, e pois
 q' tudo ha d'ir.
A A N T O N I O D E
 sa, na fugida d'us seus criados.
 Partio Francisco, e Frorido,
 As mas novas logo soam,

As aves mudadas, voam,
 Criados, mudados vestido,
 E mais quando armadas toam.
 Diz o pay de Salamaõ
 Que he homem para alegar
 (Se vos lembra emq' cantar)
 Que me comia o meu paõ
 Tratana, de m'enganar.

Que gracia me ia contaraõ
 Ha dias, dum castelhanao,
 A quem criados tal dano
 Por vezes lhes assi tratarãõ
 Do seu paõ, E do seu panão:
 Veo o seu dia, E achou
 Mocos de nono empenados
 Estes bem abeberados
 Os vestidos lhes furton
 E fugio aos seus criados.

S O B R E A P R I S Ã
 dum seu galego, a seu cunhado Mannel machado
 seõor da terra d'antre Home e Cabado.

F R A N C I S C O de Sã

33

Inda que meu ria, E me cale
 Que m'eu faça surdo, E ceigo,
 Bem veio eu, porq' o da vale
 Correo tanto ao meu galego,
 Como com ladraõ fez festa,
 Mas inde mal ala fe
 Porq' hum escrito na testa
 Não traz cadum de quem he.

Antre cravos E escuros
 Ladroes de seiscentas cores
 Andãõ poraqui seguros
 Não lhes saõ tais corredores,
 Apos quem torna por si,
 E primeiro mata ou morre,
 Não corre o da vale assi
 Que apos hum tolo assi corre.

Bom matador, bom ladraõ
 Que fugindo arma entre tanto,
 Deixo acolher Bastiam
 Que pica, E não rende tanto

Vine pola tua pena
Outrem prenda, out're condene,
Nao me toques no da pena
Em q te as barbas depene.

E serenes polo Ribeiro
Anda apos o mais proncito
Has de pagar a dinheiro
Ganhao a torto E adereito

Deixa andar os encartados,
Deixa, os q tem os caminhos
Depalhetas ouricados,
Que andao como porquespinhos.

Come, e bebe pois te presta
Nao cures das asnuadas
Que se vem muitas a festa
E vos tem todos em nadas,
Onde vires hum coitado
Que em te vendo perde a cor,
Da apos elle home ousado
Nao se va tal mal feitor.

34
Executores da ley
Auei vergonha algu' dia
Este chama a que d'el Rey
Estoutro chama a valia,
Outro chama Portugal,
De varas nao a hi minguaa
Desata a bolsa q val
Traze sempre atada a linguaa.

A PERO CARVALHO
mandandolhe hu' presente de lnuas nos di-
as caniculares d'Euora, ante da agoa da
prata: ~

Mandar por taes calmas lnuas
Seruico era elle escusado.
Outra cousa foraõ vnas
Outra vinagre rosado,
Certo q outra cousa fora
Mas poreu
Ninguem da do q nao tem
E nem do q tem ia agora.

Em pena tam cruel, tal sofrimêto,
 Em dor tamanha, dor, q' n'ca alina,
 Chamar a morte sempre, E q' inda viva
 Como se fosse vida este tormento,
 E ver no mal, q' todo entendimento
 Naturalmente foge, estranha, E esquiva,
 Iazer tam de vagar a alma cativa,
 A que não fará crer q' he tudo vento?
 Bem sei h'us olhos, q' t' toda a culpa
 E são os meus, q' a toda parte vem
 Apos o q' andão sempre, E os desculpa,
 O minhas visões altas, meu s'õ bem,
 Quem vos a v'õs não ve, esse me culpa,
 E eu sou o q' as s'õ veio, outro ninguem.

SONETO.

Alma, q' fica por fazerdes oje
 Na vida mais? se a v'ã minha esperãça
 Que sempre sigo, q' me sempre foge,
 Já quanto a vista alcança, a não alcança,
 Fortuna q' fará? roube, despoje,
 Prometa d'outra parte em abastãça

Que tem ou q' me alegre, ou q' me anoje?
 Quantos pesos tiver lance à balança,
 Chorei dias, E noites: chorei annos,
 E fui delonge ouido, polo escuro
 Gritando, acrecetar muito em meus danos
 Agora q' farey? por amor iuro
 De tornar a cantar já sem enganos
 E por ser muito o mal, posto em seguro.

SONETO.

Amor branco, E razão, dentro em meu peito
 Tem guerra desigual, amor q' iaz
 Hi já de muito tempo, manda E faz
 Tudo o q' quer a torto, ou a doreito,
 Não espera razão, tudo he despeito,
 Tudo soberba, E força, faz, desfaz
 Sem respeito nenh'ũ, nunca esta em paz,
 Quando cuidais q' si, tudo he desfeto,
 Doutra parte arreação tem por espia
 a queles quando ostras de tarde em tarde
 força de sem vrezões E melhor dia
 Não tem amor lugar certo onde a guarde

emtao trata treicoes nesta a quonia
triste que farey eu quando tudo ar de

SONETO

Aquelas esperanças que eu metido
atormento lancey fora por vans
que fazem inda aqui quo a aquelas sans
contas feito em poo satudo he bebido
E sera amor tao cego e sem sentido
seja tao bravo que não veja as chans
e rrezoões claras não veja estas cans
tenpo lançado alomge e não viuido
Esta alma tantas vezes enganada
não a vera desideo não fara conta
cosol. coa despesa. coa sorna da.
Mas ah. que eu vy sa algem que em quanto conta
que nadando escapou aomar sem nada
poense húa e outra vez a mesma a fronta.

SONETO

Mas q não pode Amor? fez me engeitar
Tam leuemente a mim, por que me engeita?

Castelos de esperanca e de sospeita
Faz e não sei q faz, he tudo vm ar
Fez me pedras colher fez mas lancar
A alma apertando as mãos toda encolheita
A forza q faça? e a ley estreita?
E em fim queira ou não queira a de passar.
Como e tam cego era eu que da vontade
Fiei tudo, que tudo atraues guia?
Tam gram contrayra minha e da verdade.
Que al se podia esperar de húa tal guia?
Cahi onde ora jaco, oh crueldade
Não sei quando he de noute, ou quando he dia.

SONETO.

Aquela fe tam limpa e verdadeira
Húa vontade sempre tam sem mingoa
Tantas vezes prouada em fogo e fragoa
E como ouro apurada, e sempre inteira.
Aquela presunção q achou maneira
De encher de fogo o peito, os olhos de agoa
Porq eu ledó passei por tanta magoa
Culpa minha primeira e derradeira.

De q me aproucitou todo? por certo
 Não de al q dum nome ledo e vaõ
 Custoso a alma, e custoso a vida
 Dei de mim q falar o longe, e o perto
 E ia assi se consola a alma cozeida
 Se não achar piedade, ache perdaõ.

SONETO.

Quien dara a los mis ojos vna fuente
 De lagrimas q mane noche y dia
 Respirara siquiera esta alma mia
 Llorado ora el pasado, ora el presente
 Quien me dara? apartado de la gente
 Sospiros, q en la mi lengua perfia
 Hagan que sienta fuego aquella fria
 Causa de que nacio tanto accidente
 Quien me dara palabras com q iguale
 Queixandome del mal q Amor me ha hecho
 Pues q tampoco el sufrimiento vale
 Quien me abraza por medio este mi pecho
 Do jaze este secreto q no sale
 En grande ovita mia, y mi despecho.

SONETO.

Del Tybre embuelto al nuestro Tajo vfano
 Desus arenas de oro, y rica graya
 Enchi todo de queixas, venga, o vaya
 Llamando por la muerte sorda en vano.
 Fragua de fuego q no pecho humano
 Quantas de torres, quanta de atalaya
 Alcas cada ora? afin q todo caya
 Por tierza, y metan todo asaco mano.
 Que se seso quereis mas embeuido
 En sus trabajos? y loca perfia
 Eislo arribado al monte, eislo cahido
 Noche tras noche va, dia tras dia,
 Ya no pido merced remedio pido
 Bolueme a loquear como solia.

SONETO a huã sua fonte.

Yo no entiendo bien q, mas esta fuente
 Habla conmigo, y ora se me antoja
 De tantas queixas mias q se enoja
 Ora q me consuela, y que las siente.
 Amor que aqui me traxo, no consiente

Que yo vaya a otra parte do me acoja
 Destes sueños en que ando, juzgue y escoja
 Y es vergüenza el tardar tan luengamente
 Grande fuerza se a fecho a los mis ojos
 Grande al entendimiento, andando aqui
 De veras ocupado en mis antojos
 Con ellos me ando o deaneo asi,
 Quien puso tal sabor a mis enojos?
 A pesar (q es peor) tanto de mi.

SONETO.

Aquella apresurada queda biva
 De sobresaltos q mudan tan presto
 Tantas vezes cad' ora este mi gesto
 Nunca la voluntad presa y cativa
 La mi llama cruel, la pena esquiva
 Que no reposa sol nacido y puesto,
 Señal de como os veo manifesto
 Turbada siempre, y desdenosa, altiva
 Sino me dexan (como digo) el dia
 Y la noche, todo me es tormento,
 Y de otra crueldad, q culpa mia.

El tiempo passa en vano, ha hecho assiento
 En el alma abrasada y luego fria
 Tal ser, q es menos ser, cada momento.

SONETO.

em dialogo do Amor com um pastor
 aq chama Salicio, a quem o Amor
 responde em Ecco.

Cabe vna fuente, a boz alta y sin tino
 Sequexa el buen Salicio atormentado
 De um mas q vano amor, zagal cuytado
 A q remedio de sus males vino?
 Amor q mica va por su camino
 A caso onde passava a buelo alcado
 O fuese el llanto q despedacado
 Del monte respondia alto y vezino

- .S. Quien dio principio a mis cordojos? A. ojos.
- .S. Cierito crueles, y a mi destierro. A. ferro.
- .S. Deseos aq fin lleuamos. A. vanos.
- .S. A lagrimas, enojos. A. mas enojos.
- .S. Pues q remedio atato de jerro. A. hieeros
- .S. Que muera assi a mis manos. A. y a mis manos.

S O N E T O .

Não sei q' em vos mais vejo, e não sei q'
 Mais ouco e' sento ao vir vosso e' falar,
 Não sei q' vejo mais te no calar,
 Nem quando vos não vejo, a alma q' ve
 Que lhe aparece onde quer que ela este
 Que olhe o ceo, q' atozza, o vento, o mar
 E triste, aquele vosso sospirar
 Em quanto mais vai q' direi q' he
 Certamente não sei, nem isto q' anda
 Antre nos se he ele ar como parece
 Se fogo doutra sorte, e' doutra ley
 Em que ando, de q' viuo e' nunca t'branda
 Por ventura se avista resprandece
 Ora o q' eu sei tam mal, como o direy?

S O N E T O à morte de Leandros.

Entre Sesto y Abido, al mar estrecho
 Lidiando con las ondas sin sosiego
 Noche alta, el buen Leandros prueua el ruego
 Prueua lagrimas tristes sin prouecho,

Viendo q' es todo en vano, pone el pecho
 De nueuo al mar ayzado, ojos al fuego
 Que en la torre alta luze, ay Amor ciego
 Que tanta de crueldad as visto y hecho.
 Nadana mientras pudo hasta la playa
 De Sesto desseado y dulce puerto
 Porq' siquieera allí muriendo caya.
 En fin ondas venceis dixco cubierto
 Yá dellas, mas no hareis q' alla no vaya,
 Biuo, no quereis vos, mas iré muerto.

S O N E T O

De dom Mamelportugal a Francisco de saa
 mandandolhe hua egloga q' fizera nesta arte
 Italiana.

Soem as vezes ser mais estimadas
 As palidas espigas puramente
 Offrecidas, que o ouro reluzente
 Descuberto por veas soterradas:
 Por isso ante vos vaó confiadas
 Rarissimo Francisco excelente
 A rudeza do estilo diferente

E' estancias incultas desordenadas.
O que brotou de si a natureza
De officio, nem de arte ajudada
Colhido sem sazaõ, Sõr offreco
A vontade de vos seja estimada
Que em tam baixo tempo, em q' pureza
E' m' q' obras não ha, deve ter preço.

R E P O S T A

de Francisco de Sá pelos consoantes seguiu
do o Petrarcha também nas suas repostas.

Tantas merces tam desacostumadas
Como as servirei eu diuidamente
Farei o que ia fez vinnocente
Vn ruñico pastor dantre as manadas
Que da agua ofreco em mãos lauadas
A Xerxes, bebo ele, e santamente
Jurou q' não bebera tẽ o presente
Com tal sabor, por copas d'ouro obradas
Señor dom Manuel se a crareza
Dum peito aberto, fe pura claudada

Muito mereço, muito vos mereço
Apedraria vamente estimada
Os ricos cristalinos de veneza
La se acham, eu os meus palmos me meço

S O N E T O .

Ah, q' dire, q' es esto q' ansi engaña
Tan dulcemente en lo q' tanto duele
Tan al contrario en todo lo q' suele
De acontecer, en quanto offende y daña.
El mal crece en el mal, crece la sana
Quanto en tierra se muera, o en ayre buele
Engañado, por fuerca es q' se vele
Y aun en seguro, tema de arte y maña
Ora este coracon tan offendido
Tantas vezes llegado a la su muerte
Como lo pones ansi presto en oluido
Quanto al hado se dió, quanto a la suerte
Quan poco ala razon, poco al sentido
Viendo vna vez mori, mil bueluo a verte.

S O N E T O

A morte de Policena?

Trahida en sacrificio Policena
 Al sepulcro de Achilles, ya que vido
 De Pirrho el cruel braco en alto exguido
 Por la fezz, boluio toda serena.

Diziendo, a quanto mal, y a quanto pena
 Pornas sin luego, o golpe bien venido
 Dexando el cuerpo frio aqui tendido
 En estrana pero vezina arena.

Y luego la real cara ammosa
 Boluendo a todos mas clara q el dia
 Aun de esse cuerpo muerto recelosa
 Trocadme a llozos de la madre mia
 Les dixco con sus hijos desdichosa
 Que a oro os los compres quando pedia

SONETO.

em dialogo de huas nimphas.

NISA. PHILIS.

NI. Que es esto Philis? q estas tan turbada
 Assi aqui sola toda sin color?
 Ves esta fuente, el merlo, el ruysonor?
 Oyes tanta auezilla enamorada?

Si lo q ves, y q oyes no te agrada,
 Que te puede agradar? ves quanta flor?
 Ves quanta diferencia de color
 De que la tierra esta como esmaltada?
 PHI. O Nisa, Nisa, leda y desbeosa
 De cacar vine a la verde ribera
 Todo olvide por esta fuente hermosa.
 No soy la Philis no q de antes era
 Salteome un cuidado ansi pensosa
 A tal lleque, q ay na me muriera?

SONETO.

O sol he grande, caem co calma as aues
 Em tal sazao q sohia de ser fria
 Esta agua q cae de alto, acordarmia
 De sono nao mas de cuidados graues.
 O cousas todas vans todas mudaneis,
 Qual he o coracao q em vos confia
 E passa um dia assi, passa outro dia
 Incertos muito mais q o vento as naues
 Eu vira ia aqui sombras, vira frores,
 Eu vira fruta ia, verde, e madura

Ensurdecia o cantar dos ruyseñores
Agora tudo he seco e de mestura
Tambem em mudandome eu fiz outras cores
E tudo o mais renoua, isto he sem cura.

SONETO

Ahua elegia, ou capitulo de Francisco de
sa de meneses q' lhe mandou amostrar seu
irmao Antonio de sa: e era o capitulo so-
bre a Magdalena, a maneira de Italia.

A vossa verdadeira penitente
Quam bem q' lhe guardais pontos diuidos
Do sepulcro os apostolos partidos
Ela não parte, vede o que ali sente.
E assi mereceo vez primeiramente
Quem vio, q' fosse em habitos fingidos
Tudo amor vence, altissimos sentidos
De aqué tal ortelaó sempre he presente.
Gregorio a faz sempre huá, outros doutores
A fazem tres, a pos Gregorio vaó
Despois os mais com todos os pintores

48
+2
Aqueles diria eu señoer q' são
Aqueles outra vez q' são amores
Tantos sospiros, vm só núca em vaó.

TROVAS.

Feitas á conceicaó de nosa sora em Alcalá
onde entaó estanaó as infantas: e porq' estas
leuaraó o preco q' foi vm crucifixo
de ouro, foraó ca enuiadas.

Principio medio ni cabo
Hallo Virgen singular
Para poderos loar,
Porq' si mucho os alabo
Mas es lo q' he d'ignorar
Y puestó que se juntasen
Todos quantos hizo Dios
Y siempre en vos se ocupassen
Vn punto dudo alcancaesen
De lo mucho q' hay en vos.

Madre de nuestro consuelo

Dechado de perfeccion
Por diuina permission
Enistes vos acá en el suelo
Preseruada en concepcion
E tuuistes entre nos
Tan alta palma e vitoria
Que concebistes a Dios
Y antes concebio el a vos
Mentalmente en su memoria .

De dō nos consta sentir
Que no solo no pecastes
Pero pecar no pensastes
Porque en vuestro cōcebir
De toda gracia abundastes
Y en vuestro ventre jocundo
Vemas q̄ pudo caber
Por misterio mui profundo
Aquello que todo el mundo
No lo pudo comprender

Hizoos Dios tan limpia y pura

44
43
Por acuerdo de los tres
Y en vos tal merecer es
Que la angelica natura
Teneis debaxo a los pies:
Y en tan supremo lugar
Os quiso Dios sostener
Que no podistes pecar
Porq̄ dō amia de encarnar
Sin pecado amia de ser.

Ved que misterio excelente
Vuestra concepcion obro
Que por vos se reparo
El daño de la serpiente
Que a nuestro padre engaño.
Y quiso y permitio Dios
Por su decreto diuino
Por vos tuuiessemos nos
De congruo, lo que vos
Merecistes de condigno
Quando Dios os dió la silla

Que está segunda en el cielo
Limpia os hizo y sin recelo
Concebida sin manzilla
Por la mejor deste suelo:
Porq̄ quando os fabricó
En el ventre maternal
Al punto os predestinó
Y de allí os eximio
Del peccado original.

FRANCISCO DE SA, neste
mesmo proposito, e na mesma sorte
de versos.

Hay razon q̄ tal consienta?
Pensamiento, altiuo, vfano
Que se atreua vn pecho humano
A poner en tal afrenta
La lengua ni la su mano?
Madre bendita si avós
No llamamos, no ay remedio
Que adó desmayamos nos

Del todo comienza Dios
Sin fin, comienzo, ni medio

Si al sol los ojos alcamos
Que alguna vez acontece
La vista nos desfallece
De manera si tardamos
Que a toda parte escurece
Si ante los mayores fuegos
No van los menos a cuento
Que nonadas y q̄ inegos
Ante vos son ojos ciegos
De tan flaco entendimiento.

Seso no te sobresaltas?
No turbas, no alteras todo?
Del immenso amor sin modo?
Quien hizo costas tan altas
Cobrirse de nuestro lodo
Virgen y madre sin par
Alcad lo que abato yo
En vos se vino encarnar

Dios, q̄ no cabe en lugar,
Vuestro pecho lo crio'.

El q̄ en principio ya era
Como no tenga comienço,
De la cadena al pesueco
Que el pecado nos pusiera
Os saluo ante el destrueco.
Esto como pudo ser
Que contradize la edad
Quien todo lo puede hazer
Como Dios, tmo poder,
Como hijo, voluntad.

Fuente donde gracia mana
Siempre clara y toda agena
Del turbio, digan q̄ suena
Quando a boca llena os llama
El angel de gracia llena
Virgen, diuino sacrario
No tmo poder alguno
Contra vos nuestro aduersario,

Que no puede el vn contrario
Con otro estar de consuno.

Al que antes llamaua errado
Bolui me al mismo camino
Madre del verbo diuino
A tal resplandor alcado
Quien terna seso, quien tino?
Claro espejo de la fe
Escurrido ia mas,
Ah, señora, ah q̄ dire?
Ah q̄ soy niño y no sé
Que haga, o que diga más.

CANÇAM

A nossa senõra feita por aquela do Petrarcha
Virgine bella.

Virgem fermosa q̄ achastes a graca
Perdida antes por Eua, onde não chega
O fraco entendimento, chegue a fe,
Coitada desta nossa vista cega

Que anda apalpando pela nevoa brava
E busca, o que ante si tendo, não ve
Sem saber atinar como, ou por que
Entreí polos perigos
Rodeado de inimigos,
Por piedade a vos venho e por merce,
Vos q' nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingoa
Me dareis lingua, e coração seguro.

Virgem toda sem magoa, inteira, e pura
Sem sobra, né daquela culpa errada
Por todas ate fim deso comeco
Claridade do sol mica toruada
Santissima e perfeita criatura
Ante quem de mim fujo, e me amorreco
Ei medo aquanto fiz, sei q' mereco,
Dos meus erros me espanto,
Que me aprouveram tanto,
E agora á só lembrança desfaleco,
Mas lembrame porem q' vos fizestes
Paz entre Deos e nós,

47
45
E ague por vós, chamou sempre a mãe destes.

Virgem seguro porto, emparo, e abrigo
As mores tempestades, ah q' tinha
Os ventos esta vida encomendada,
Sem olhar aq' parte hia, ou vinha,
Vámente descuidado do perigo,
Surdo os conselhos tudo tenho em nada,
Não vos seja em desprezo hũa coitada
Alma q' ante vos vem
Por receos que tem
De inimigos grandes mal ameacada:
E q' eu tam peccador, e errado seja
Venca vossa piedade
Minha maldade grande, e assi sobeja.

Virgem, do mar estrela, e neste lago
E nesta noute um faro q' nos guia
Para o porto seguro, um certo norte,
Quem sem vos atinar, quem poderia
Abrir somente os olhos, vendo o estrago
Que atras olhando deixa feito a morte.

48

Quê proa me daria, com q̄ corte
Por tam brava tormenta:
De toda parte venta,
De toda espanta o tempo feo e forte.
Mas tudo q̄ será com a vossa ajuda,
N'oua q̄ foge ao vento,
Que num momento se leuanta e muda.

Virgem perfeita, e do sacrario santo
Porta, que Ezechiél cerrada via
A parte q̄ responde ao oriente
Siluado inteiro q̄ todo ele ardia
Sem offendido ser tanto nem quanto,
E foi tal testemunha ali presente
Verlo de Gedeão, divinamente
Dado em alto sinal
Do orualho celestial
Que estando tudo enxuto, ele só sente
Senhora, q̄ podeis, em tal afronta,
Restituime a mim
Antes da fim, q̄ o sol vaise e trasmonta?

47

Virgem e madre juntamete, quem
Tal nunca omio, nem dantes, né despois
Senão em vos? que foi o q̄ o entendo?
Vos madre e filha, vos esposa sois
Daquelle q̄ apertado ao peito tem
Os vossos bracos santos, outro ceo
Na vossa alta humildade se venceo.
O soberbo tirano
Que cõ enveja e engano
Nos fez tam perigosa e longa guerra
Em molher comecou tal dano nosso
Quem nos restituyjo
De vos saijo, senõra o preço he vosso.

Virgem, nossa esperanza, um alto praço
De vinas aquas, donde a graça corre
Em q̄ se matao para sempre as sedes:
Nãõ de Nembret, mas de David a torre
Donde socorro espero ao meu destroço
Assi tam perseguido como vedes
Dantre tam altas, tam grossas paredes
De ferro carregado,

Hú coração coitado
Chama por vos, emolto em muitas redes
Esse q' eu sou, sinais inda algú's tenho
De ser do vosso bando
Que avós bradando por piedade venho.

Virgem do sol vestida e dos seus raios
Toda cuberta e ainda coroadada
De estrelas, e de baixo o sol a lua
São vindas minhas culpas dasnuada
Sobre mim tantas, valeime ós meus desmayos
De tantas q' possa ir chorando algũa,
Náo me deixaraó desculpa nenhuma
Os meus erros sobejos,
Leuaranme os desejos
O melhor das idades hũa e hũa
Quem tormenta passou por toda praya
Cos ventos contrastando,
Saja nadando, ia co avida, e saja.

Virgem horto cercado, alto e defeso
Rico ramo do tronco de Jesse

Que milagrosamente enfloreceo
Custodia preciosissima da fé
Que toda junta tiuestes em peso
Quando vm e o outro sol sua luz perdeo,
Rompaó os meus sospiros o alto ceo
E a vos chequem senhora
Que assi vou de ora em ora
Emolto neste cego e basto vicio
De dia em dia, voume de anno em anno
A minha fim chegando,
Desimulando avergonha e o dano.

Virgem celestial, ia andando aqui
E em corpo traspassada ao ceo empirio
Sem ser ca vista mais de olhos humanes
Espelho craro, purissimo lizio
Que tam suave odor lanca de si
Dada por só remedio ós nossos danos
Contra os demonios, sejam meredianos
Sejaó da noute escura,
Esperanca segura
Contra taes forcas, cõtra tais enganos,

49

Com vosso esforço per terra e per mar
Não digo eu auer medo
Mas sahir ledo ao campo, e pelejar.

Virgem das virgens como o tempo voa
Quem sabe quanto avança
quanto suspiro a toda parte soa
Quãtas lagrimas caem mal derramadas
Mas posto de geolhos
A vos os olhos, tudo o mais são nada.

F I M

DA PRIMEIRA PAR-
TE DAS OBRAS
DE FRANCIS-
CO DE
SÁ

TAVOADA

S O N E T O S

Alma que fica por fazerdes oje. 34.

Amor bravo e' razaõ dentro em meu 35

Aqilas esperacas q' eu metido. (peito. 35

Aqila fe tam limpa e' verdadeira. 36

Aqila apressurada rueda bina 37

Ah q' dire q' es esto q' ansi engana 40

A vossa verdadeira penitente. 41

Cabe vna fuente a boz alta y sin- 38

Del tibre embuelto al nuestro Tajo. 37

Entre sesto y Abido al mar estrecho 38

Mas q' naõ pode amor fezme egeitar 35

Naõ sei que em vos mais vejo. 38

O sol he grande, cae co calma as aues. 41

Principe tamanho cujo rogo. 1

Que es esto philis, q' estas tan turbada. 40

Quien dara a los mis ojos vna fuente 36

Soem as vezes ser mais estimadas 39

Tantas merces tam desacostumadas 39

Trahida en sacrificio policensa. 40

Yo no entiendo bien q', mas esta fuete. 37

CANTIGAS, VILANCETES.

A esperança he perdida.	6
Atequado me tereis.	8
A costumeime os meus males.	16
Ay q' el alma se me sale	29
Alma tam sem affeseço	30
Comigo me desavim	5
Coração onde estivesdes	12
Cego deste meu desejo	15
Como no se desespera	17
Deixaime a minha tristeza	13
Delas terras donde vine	23
Desengamei um cuidado	25
Dona bella.	26
Esperanças mal tomadas	6
Em pago de tanta dor	8
El agrario q' reciuo	10
Estes meus olhos q' assi	17
En toda la trasmontaña	22
En mi coracon os tengo	23
Este mal.	27

Foime grande agrario feito	13
Fuije el tiempo está el mal q' do	26
Hua morte ei de morrer	9
I agora quem me dira	4
I agora tempo seria	10
Ia ledo em meus males se cura	14
La q' tengo no es prision.	8
Mal de que meu contentei	5
No se porq' me fatigo	1
Nacido e oriado em meyo	5
N aquela serra	21
O coração q' vos ve	13
O meu mal pudeo sofrer	14
Os meus castelos de vento	16
Olhai a camanha estreita	18
Puedese esta llamar vida	4
Por estes campos sem fim	6
Pois meu mal com quato he	9
Por malos emboluedores	11
Pusiera yo mis amores	19
Pois os meus olhos são vossos	23

Polo bem mal me quizes .	29.
Quanto mal m'era ordenado .	3.
Que malavindos cuidados .	7.
Que vos farei meu cuidado .	25.
Quem cuidar e quem disser .	27.
Quien te hizo Juan pastor .	29.
Señora oyd la mi suerte .	3.
Sortes e venturas são .	10.
Se meu tormento me desse .	19.
Secaronme los pesares .	21.
Saudade minha .	24.
Sola me dexaste .	25.
Se me este cuidado atura .	26.
Todos vienen dela vela .	11.
Tudo passa em vm momento .	14.
Tu presença deseada .	28.
Tãoos yo mi pandero .	30.
E P A R S A S .	
Como quereis q seja .	9.
Do passado arrependido .	11.
Nam vejo o rosto a ninguem .	15.

63

Porq podera abafar .	3.
Que la mi vida se afsuele .	7.
Quando nos meus erros cuido .	17.
Tornouse tudo em vento .	4.
Todas as cousas tem cabo .	12.
C A N C O E N S .	
Não posso tornar os olhos .	31.
Virgem fermosa q achastes .	45.
T R O V A S .	
Ay razon q tal consienta .	43.
Alma q em tão poucos dias .	18.
A vossa bula d' amor .	15.
De quam pouca terra .	18.
Inda q meu zia e me cale .	33.
Mandar por taes calmas .	34.
Principio medio ni cabo .	42.
Partio francisco e florido .	32.
D I A L O G O S .	
Hua cousa cuidam' eu .	19.
Vi sinais, o mal grande .	20.

F... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
CANON
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..

